

RELATO DE CASO DE CIRCOVIROSE SUÍNA

Jaqueline Friebel¹; Claudia Fernanda Ciconet¹; Thaline Andriele de Quadros¹; Anderson Douglas Kummer²

Palavras-Chave: afecção, suínos, crescimento/terminação

INTRODUÇÃO

A Circovirose Suína é uma afecção causada por um vírus da família Circoviridae, e o agente causador é o Circovírus Suíno (PCV tipo 2 e tipo 3). Essa doença causa grandes prejuízos na criação de suínos no Brasil e no mundo. Geralmente acomete suínos após o desmame em fase de crescimento/terminação. Os suínos quando afetados com o Circovírus tem um atraso significativo no crescimento, e assim pode acontecer alta taxa de animais com baixo desempenho. É uma doença altamente contagiosa, o agente causador é resistente no ambiente e a também a vários desinfetantes. Os sinais clínicos e achados na necropsia são bem característicos da doença, e baseado nisso é feito o diagnóstico clínico da infecção, além de outros métodos laboratoriais.

Diante disso, objetivou-se relacionar a manifestação clínica no suíno do presente estudo com os parâmetros da Circovirose Suína encontrados na revisão de literatura, descrevendo um relato de caso.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi atendida uma propriedade rural que desenvolve a atividade de suinocultura, com os animais em fase de crescimento/terminação, quando estes estavam com idade de aproximadamente 90 dias.

A queixa principal relatada na anamnese foi que um suíno de aproximadamente 40 kg, estava apresentando sinais clínicos como cabeça baixa, apatia, perda de apetite, febre e também não estava ingerindo água. O suíno então foi retirado da baía coletiva e foi alojado para uma baía hospitalar. Na anamnese, ainda foi relatado que dois dias depois, na pele do suíno, iniciou a apresentação de manchas avermelhadas e arredondadas de diferentes tamanhos e em praticamente todo o corpo (Figura 1).

Não foi realizada eutanásia e necropsia do animal, e sim foi optado por mantê-lo sob observação e foi indicado tratamento com antibiótico. Foi utilizado a Amoxicilina via oral junto

¹Acadêmicas do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAI, Itapiranga, SC. E-mail: jaquelinefriebel8@hotmail.com

² Me, Docente do Centro Universitário FAI, Itapiranga, SC.

a alimentação, Flunexina sendo 2,2 mL para cada 50 kg de peso vivo, VE ou VI e para controlar a febre Diidroestreptomicina 2mL para cada 10 kg de 3 a 5 dias, VI.

Figura 1: Manchas avermelhadas e arredondadas na pele do suíno indicando a afecção causada por vírus.



O caso foi acompanhado e após uma semana de tratamento se percebeu uma boa melhora do animal, as manchas vermelhas estavam menos evidentes, sem febre, e o suíno já estava se alimentando e bebendo água adequadamente (Figura 2).

Figura 2: Animal após uma semana de acompanhamento e tratamento.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Circovirose Suína é uma doença respiratória, causada por um conjunto de síndromes, causadas pela infecção do Circovírus Suíno Tipo 2 (PCV2), vírus pequeno com cerca de 17 nm, não envelopado, com DNA circular de fita simples, além disso esse vírus é resistente quando

exposto ao ambiente, a desinfetantes, temperaturas altas e congelamento, se mantendo estável em fezes e secreções nasais (SANT'ANA *et al.*, 2011).

Além disso, a transmissão pode ser feita de forma vertical e horizontal, transplacentária e por sêmen, o que pode levar a uma rápida disseminação. Podendo causar impactos econômicos pelo baixo desempenho do leitão, morbidade, mortalidades, refugos e condenações em carcaças (SANT'ANA *et al.*, 2011). Por estas características do agente causador, existe a evidência que o vírus poderia estar presente no ambiente da granja e nos suínos em que foi acompanhado o caso clínico.

A infecção pelo PCV-2 é conhecida como Circovirose Suína, sendo a síndrome multisistêmica do definhamento dos suínos (SMDS) a mais frequente e melhor caracterizada forma clínica da infecção pelo vírus. Além da SMDS causada pelo PCV-2 também estão associados a outras síndromes ou manifestações clínicas, como falhas reprodutivas, síndrome de dermatite e nefropatia suína (SDNS), tremor congênito (TC) e o complexo das doenças respiratórias dos suínos (CDRS) (JAPOLLA, 2012). No caso clínico que foi atendido, o suíno apresentou dermatite. Portanto, essa manifestação clínica pode estar relacionada clinicamente com a síndrome de dermatite e nefropatia suína.

Essa doença é susceptível em leitões de 5 a 13 semanas de idade, que estão em fase de crescimento/terminação, sendo que sua etiologia multifatorial é considerada decorrente de superlotações, má qualidade do ar, misturas de lotes, idade, estado imune do leitão, fatores imunoestimulantes, estresse e bem-estar (WEYRICH *et al.*, 2007). O suíno afetado, estava com idade aproximada de 90 dias e 40 kg de peso vivo, alojado em baia coletiva na lotação adequada. Por ser de causa multifatorial, é complexo elucidar o motivo pelo qual desencadeou a sintomatologia clínica.

Os sinais clínicos mais comuns dessa doença são a depressão, perda de peso, diminuição do ganho de peso diário (GPD), taquipneia, dispneia, icterícia, febre, palidez cutânea, diarreia, anemia, refugos, dermatite, nefropatia, pneumonia intersticial, enterite aumento do tamanho dos linfonodos, respiração ofegante, lesões de pele representadas por pápulas e placas vermelhas, abortos, podendo também levar o animal a morte (SANT'ANA *et al.*, 2011). O suíno afetado clinicamente apresentou alguns destes sinais clínicos, como: apatia, febre, anorexia e dermatite.

Podem ser encontradas lesões macroscópicas como linfadenomegalia, hipotrofia de timo e pulmão não colabados, com pequenas áreas disseminadas de hepatização vermelha, além de pontos multifocais brancacentos ou difusos podem ser vistos na superfície e parênquima dos rins. Na pele são observadas manchas avermelhadas e arredondadas de diferentes tamanhos

(SANT'ANA *et al.*, 2011). No suíno afetado, foram observadas as manchas avermelhadas e arredondadas de diferentes tamanhos (Anexo 1), no entanto, as lesões macroscópicas dos órgãos internos não foram analisadas pois não foi realizado a necropsia do animal.

Microscopicamente no tecido linfóide ocorre depressão linfática, pode ter presença de corpúsculos de inclusão e células gigantes. As inflamações granulamentosas podem ser encontradas em linfonodos, fígado, baço e placas de peyer, além da presença de necrose coagulativa no centro folicular e depleção de linfócitos (TESTI *et al.*, 2014).

Conforme Weyrich *et al.* (2007), o diagnóstico pode ser feito através dos sinais clínicos, lesões macro e microscópicas, análise da sintomatologia, quadro patológico e isolamento do vírus PCV-2. Entretanto as lesões nem sempre estão presentes e, portanto, não devem ser utilizadas como única e exclusiva forma de diagnóstico.

O diagnóstico diferencial pode ser bastante amplo, porém depende muito dos sinais clínicos apresentados pelos animais, mas primeiramente se deve diferenciar principalmente de enfermidades respiratórias, como a Síndrome Respiratória e Reprodutiva Porcina (PRRS), além disso, todas as doenças que envolvem a refugagem dos animais podem ser incluídas como diferencial (JUNIOR, 2005). O animal do presente caso clínico não apresentou sintomatologia respiratória e também não era um leitão refugo.

Quanto as medidas de controle, a Circovirose não apresenta um tratamento específico, mas recomenda-se o uso de antibioticoterapia para doenças secundárias, uso de terapias de suporte, fornecimento de alimentação e água com acesso facilitado, deixando os animais acometidos em baias separadas (ZANELLA; MORÉS, 2016). Ao avaliar as medidas de tratamento adotadas, evidencia-se que o suíno recebeu as recomendações técnicas indicadas, sendo tratado com antibiótico e anti-inflamatório, além de ter sido alojado em baia individual com alimentação e água de fácil acesso.

São muitas as estratégias de controle e prevenção para a Circovirose, sendo que no crescimento/terminação é recomendado usar baias com poucos animais, adaptar-se ao sistema “todos dentro, todos fora”, sendo aconselhável não fazer a mistura de leitões. Também, melhorar a condição do ar, usar programas de vacinações adequados, adotar um bom manejo e higiene em toda a granja e, principalmente, separar animais doentes dos saudáveis em baias hospitalares (TESTI *et al.*, 2014).

Hoje em dia já se encontra o Circovírus Suíno tipo 3 (PCV3), e esse é um vírus emergente, sua positividade é predominante em diferentes fases de produção, sendo a porcentagem de positividade semelhante nas diferentes fases, com exceção da maternidade em que não foram detectados animais positivos, corroborando ao relatado por Pereira *et al.* (2019).

Segundo Pereira *et al.* (2019), as lesões histopatológicas mais encontradas no seu estudo sobre a PCV3 foram: peribronquite e peribronquiolite histiocitária nos pulmões e vasculite nos linfonodos mediastinais. Porém, nem todas as amostras positivas para PCV3 apresentam lesões histopatológica. Ainda o autor cita que dos sinais reprodutivos, o mais comumente relacionado a detecção de PCV3 são casos de abortos.

Atualmente não há histotécnicas de detecção de PCV3 disponíveis para serem utilizadas na rotina de diagnóstico.

CONCLUSÃO

Por meio da manifestação clínica no suíno do presente estudo e a relação com as descrições na literatura, é possível relacionar que o caso clínico se trata possivelmente da Circovirose Suína com a provável forma de manifestação da síndrome de dermatite e nefropatia suína.

O tratamento realizado com o animal afetado possibilitou condições para evitar infecções secundárias e assim reverter o quadro clínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAPOLLA, G. **Aspectos importantes do circovírus suíno tipo 2 e o controle da circovirose suína.** Goiânia, 2012.
- JUNIOR, A. S. **Circovírus suíno tipo 2 (PCV2): caracterização molecular e construção de vetores para expressão da proteína do capsídeo.** Viçosa, Minas Gerais, 2005.
- PEREIRA, C. E. R. *et al.* **Aspectos epidemiológicos e clínico-patológicos na infecção pelo Circovírus.** Anais do XII SINSUI-Simpósio Internacional de Suinocultura. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, maio, 2019.
- SANT'ANA, D. S. *et al.* **Aspectos gerais sobre a circovirose suína.** PUBVET, Londrina, V. 5, N.10, ed. 157, Art. 1059, 2011.
- TESTE, A. *et al.* **Estratégias de controle da circovirose suína.** Revista científica de medicina veterinária, 2014.
- WEYRICH, K. *et al.* **Circovirose suína: características e impacto na produção.** VEPCC, 2007.
- ZANELLA, J. R. C; MORÉS, N. **Circovirose suína.** Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia. Capítulo 52. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2016.